

A função da imitação na Teoria de Aprendizagem Musical de Edwin

Gordon

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Educação Musical

Jéssica Franciéli Fritzen
Universidade de Brasília/UnB
fritzen.jessica@gmail.com

Resumo. Este trabalho é decorrente da Fundamentação Teórica de Dissertação de Mestrado sobre aprendizagem musical de bebês através do estágio de imitação da Teoria de Aprendizagem Musical de Edwin Gordon. Ao mesmo tempo em que a imitação é a base de transmissão do conhecimento musical, ela também sofre duras críticas por não estimular a criatividade, a improvisação e a autenticidade. Essa contradição é apontada na teoria de Edwin Gordon. Assim, o objetivo foi compreender a função da imitação na aprendizagem musical tendo como base a Teoria de Aprendizagem Musical de Edwin Gordon. Foram analisadas duas obras do autor: a) Teoria de Aprendizagem Musical: competências, conteúdos e padrões (2000) e b) Teoria de Aprendizagem Musical para Recém-Nascidos e Crianças em idade Pré-Escolar (2015). A partir desta análise, foi verificado que a função da imitação na Teoria de Aprendizagem Musical de Edwin Gordon é permitir a discriminação de padrões tonais e rítmicos por meio da interação musical. Saber perceber, identificar, reconhecer, repetir e comparar padrões diferentes permite que o aluno tenha uma ação consciente, intencional e com propósito musical durante a imitação. Do contrário, repetir automaticamente apenas estabiliza, habitua e não permite que o aluno siga para os próximos estágios da aprendizagem musical.

Palavras-chave. Imitação, Teoria de Aprendizagem Musical, Edwin Gordon.

The Role of Imitation in Edwin Gordon's Music Learning Theory

Abstract. This work resulting from the Theoretical Foundation of a Master's Thesis on musical learning in babies through the imitation stage of Edwin Gordon's Musical Learning Theory. At the same time that imitation is the basis for transmitting musical knowledge, it also suffers severe criticism for not stimulating creativity, improvisation and authenticity. This contradiction is pointed out in Edwin Gordon's theory. Thus, the objective was to understand the role of imitation in music learning based on Edwin Gordon's Music Learning Theory. Two works by the author were analyzed: a) Music Learning Theory: competences, contents and standards (2000) and b) Music Learning Theory for Newborns and Young Children (2015). From this analysis, it was verified that the function of imitation in Edwin Gordon's Music Learning Theory is to allow the discrimination of tonal and rhythmic patterns through musical interaction. Knowing how to perceive, identify, recognize, repeat and compare different patterns allows the student to have a conscious, intentional and musical action during imitation. Otherwise, repeating automatically only stabilizes, habituates and does not allow the student to move on to the next stages of musical learning.

Keywords. Imitation, Music Learning Theory, Edwin Gordon.

Introdução

Se for lhe perguntar o que é imitação, certamente você terá uma resposta plausível. Possivelmente você pensou em alguns conceitos como: copiar, repetir, reproduzir e espelhar de forma similar o que se viu. Estes conceitos poderão nos auxiliar a compreender o que é a imitação. No senso comum, todos sabem o que é imitação. Porém, ao examinar de forma mais profunda, nota-se uma certa complexidade de definição. Ela tem diferentes concepções sobre comportamento, aprendizagem, habilidades, memória e estímulos inatos e sociais.

A imitação é uma das bases de transmissão do conhecimento e da cultura humana, responsável pela nossa evolução. Para nossa sobrevivência, é necessário que entendamos as ações dos outros. Compreender essas ações é o que possibilita uma organização social. (RIZZOLATTI; CRAIGHERO, 2004). Segundo o dicionário Michaelis, a imitação é a) representação ou reprodução de uma coisa, fazendo-a semelhante a outra; b) cópia que se faz das ideias ou obras de alguém; c) representação mediante a qual se reproduzem características (gestos, voz, etc) de alguém conhecido, em geral do mundo da arte, da política ou do espetáculo; d) ato de copiar, consciente e intencionalmente, certo comportamento” (IMITAÇÃO, 2022).

Aprende-se através de fatores biológicos e culturais (HURON, 2012). A imitação é uma ação biológica e cultural do ser humano (GORDON, 2000). Bebês recém-nascidos são capazes de imitar expressões faciais, vocais, o espelhamento afetivo dos pais e os movimentos dos dedos, conferindo assim, uma ação inata (MELTZOFF; MOORE, 1995). Essa ação deve ser estimulada através de diversas situações de aprendizagem dentro de um contexto para que o indivíduo possa se desenvolver. As influências ambientais juntamente com as potencialidades biológicas do ser humano é o que lhe conferem seu aprendizado. Além disso, os seres humanos têm uma predisposição para a imitação e dispõe no seu sistema nervoso, neurônios específicos para essa atividade, os chamados neurônios-espelho. Essa classe de neurônios é a base da imitação e desempenha um papel central na imitação de ações observadas (RIZZOLATTI; CRAIGHERO, 2004; RIZZOLATTI, 2005).

A imitação pode ser analisada sob diferentes pontos de vista. Sob a perspectiva psicológica, a imitação refere-se ao comportamento de sujeitos que replicam uma ação que já está em seu repertório motor, buscando compreender como copiam o comportamento do outro com base em estímulos biológicos e não biológicos. Já na etologia, a imitação refere-se à aprendizagem, dando ênfase nos detalhes motores da ação imitada. A imitação é a capacidade de adquirir um comportamento motor que não estava presente no repertório motor do observador (RIZZOLATTI, 2005). No campo da filosofia, a imitação tratada como *mimésis*,

significa a capacidade do homem de reproduzir e imitar. Na filosofia aristotélica, “a *mimesis* faz parte da natureza humana, caracteriza em particular o aprendizado humano” (GAGNEBIN, 1993, p. 70).

Imitação no campo da musicologia refere-se à técnicas composicionais contrapontísticas, nas quais a escrita de uma voz imita ou copia outra voz (apresentada anteriormente), utilizando o mesmo material melódico, sendo possível o uso diferentes técnicas de imitação como: imitação restrita, imitação real, imitação tonal e imitação livre (JEPPSEN, 1992). No campo da educação musical, a imitação encontra-se no ensino e no processo de aprendizagem musical (DELALANDE, 2019; GORDON, 2000; 2015; SUZUKI, 1994; SWANWICK, 2014). Diversos métodos utilizam-se da imitação para ensinar música, como é o caso do Método Suzuki. Ao mesmo tempo que a imitação é considerada como uma importante forma de transmissão do conhecimento musical, metodologias que valorizam apenas a imitação repetitiva são criticadas por não promover compreensão musical e não estimular a criatividade, a improvisação e a originalidade.

Edwin Gordon (2000; 2015) traz em sua Teoria de Aprendizagem Musical essa dualidade, no qual indica que a imitação faz parte do processo de aprendizagem musical e ao mesmo tempo, aponta a imitação como uma ação limitante no aprendizado musical. Tendo em vista essa dualidade, é questionado sobre qual é a função da imitação na aprendizagem musical? Como essa imitação ocorre e quais são as diferentes formas de imitação durante o processo de aprendizagem? Buscando responder estes questionamentos, o objetivo deste trabalho foi de compreender a função da imitação na aprendizagem musical tendo como base a Teoria de Aprendizagem Musical de Edwin Gordon. Este trabalho justifica-se pela discussão sobre o que é a imitação na aprendizagem musical, bem como, no seu esclarecimento da função da imitação na perspectiva de Gordon.

O trabalho é decorrente da Fundamentação Teórica de Dissertação em Mestrado sobre aprendizagem musical de bebês através do estágio de imitação da Teoria de Aprendizagem Musical de Edwin Gordon em que buscou-se discutir e compreender o que é imitação e qual seu papel na aprendizagem musical. Para tanto, foram analisadas principalmente duas obras do autor: a) Teoria de Aprendizagem Musical: competências, conteúdos e padrões (2000) e b) Teoria de Aprendizagem Musical para Recém-Nascidos e Crianças em Idade Pré-Escolar (2015).

A imitação na Teoria de Aprendizagem Musical de Edwin Gordon

Edwin Gordon elaborou a Teoria de Aprendizagem Musical que explica o processo que cada aluno, independentemente do seu nível de aptidão musical, passa para aprender música de forma adequada. O autor define a Teoria de Aprendizagem Musical como “uma série de sequências de aprendizagem da música” (GORDON, 2000, p. 41). Durante sua investigação sobre o processo de aprendizagem musical, Gordon estabeleceu três pontos relevantes: a) o que deve ser ensinado; b) porque deve ser ensinado e; c) em que sequência deve ser ensinado (GORDON, 2000, p. 11). Sua teoria é dividida em dois grandes momentos: **1)** audição preparatória e **2)** audição. A audição preparatória ocorre na primeira infância e serve como uma base para a audição. Já a audição ocorre quando as crianças entram no ensino formal e “ocorre quando se ouve e se compreende música em silêncio, quando o som da música já não está ou nunca esteve fisicamente presente” (GORDON, 2015, p. 29).

Ao discutir sobre imitação na aprendizagem musical, o autor refere-se de formas distintas, ora como algo que não gera um significado musical, tendo um olhar limitante em relação à imitação, ora como um tipo e um estágio fundamental para o processo de aprendizagem musical. Discutir sobre o que é imitação e compreender a função da imitação na aprendizagem musical pode nos ajudar a clarificar essa dicotomia estabelecida pelo próprio autor.

Imitação na audição preparatória

Gordon (2015) elaborou uma teoria de aprendizagem musical que explica como crianças recém-nascidas e crianças pequenas aprendem música. Nessa faixa etária, as crianças desenvolvem a capacidade de audição preparatória, considerada como as etapas de desenvolvimento da percepção e interação musical da criança. Esta teoria propõe três tipos e sete estágios desenvolvimentais que progridem de forma sequencial:

Aculturação:

1. Absorção
2. Resposta Aleatória
3. Resposta Intencional

Imitação

4. Abandono do Egocentrismo
5. Decifragem do Código

Assimilação

6. Introspecção
7. Coordenação

A audiação preparatória pode ser entendida como uma preparação para os tipos e estágios da audiação, sendo assim, uma base para a audiação. Os tipos e estágios propostos na audiação preparatória progridem sequencialmente do primeiro para o último e devem, portanto, servirem como base e parte do estágio seguinte mais elevado, não pulando etapas (GORDON, 2015). No primeiro tipo de aprendizagem musical da audiação preparatória chamado de aculturação, as crianças aprendem como resultado da escuta do seu ambiente. No segundo tipo imitação, as crianças aprendem como “resultado da imitação recíproca que ocorre quando os adultos as imitam e elas imitam os adultos” (GORDON, 2015, p. 57). Já no terceiro tipo, chamado de assimilação, as crianças aprendem como “resultado da coordenação do seu próprio canto e da sua entonação com o seu movimento e respiração” (GORDON, 2015, p. 57).

A imitação na audiação preparatória encontra-se em um eixo central da aprendizagem musical que liga a aculturação e assimilação, ela é um elo na aprendizagem musical. O autor não traz uma definição clara sobre o que é imitação na audiação preparatória, mas apresenta algumas questões pertinentes para compreendermos a imitação. Segundo o autor, na imitação a criança “participa com pensamento consciente/concentrado primariamente no meio ambiente” (GORDON, 2015, p. 47). No tipo de audiação preparatória imitação, encontram-se dois estágios: 1) Abandono do Egocentrismo e 2) Decifragem do código.

No primeiro estágio, a criança “reconhece que o movimento e o balbucio não condizem com os sons da música ambiente” (GORDON, 2015, p. 47). É neste estágio que a criança começa a comparar seu canto ou sua entonação com a de outra pessoa, notando assim, semelhanças e diferenças (GORDON, 2015). Neste momento, a criança passa a tomar consciência e a se comunicar com os outros, pois até então, estava a se comunicar consigo mesma. O que permite a aprendizagem neste estágio, é a percepção que as crianças têm dos outros.

No segundo estágio, a criança já é capaz de imitar com certa precisão “os sons da música ambiente, especificamente padrões tonais e rítmicos” (GORDON, 2015, p. 47). Neste estágio, o autor define que as crianças “são capazes de reconhecer e discriminar entre padrões tonais¹ e padrões rítmicos² quando os tentam imitar” (GORDON, 2015, p. 51). Para que a criança seja

¹ “Dois, três, quatro ou cinco sons de altura diferente numa dada tonalidade que são audiados sequencialmente e formam um todo” (GORDON, 2000, p. 487).

² “Duas ou mais durações numa dada métrica, que são audiadas sequencialmente e formam um todo” (GORDON, 2000, p. 488).

capaz de distinguir as diferenças entre os padrões tonais e rítmicos, é necessário primeiro que ela reconheça e identifique dois padrões tonais ou dois padrões rítmicos que soam iguais e seja capaz de imitar com êxito essas semelhanças. Após isso, deve-se “realçar a diferença em vez da semelhança, através da permuta de padrões em improvisação com a criança” (GORDON, 2015, p. 98).

Imitação na audiação

A imitação na audiação está associada a aprendizagem por discriminação. Conforme Gordon (2000), os indivíduos aprendem de duas formas: discriminando e inferindo. A aprendizagem por discriminação, que identifica semelhanças e diferenças entre exemplos musicais, oferece os pré-requisitos para a aprendizagem por inferência, na qual o indivíduo identifica semelhanças e diferenças a partir de referências internalizadas na mente. Segundo Gordon (2000, p. 121-122), “a aprendizagem (guiada)³, na forma de imitação ou memorização, é crucial para a aprendizagem por discriminação e fornece a base para a posterior generalização e abstração que ocorre na audiação durante aprendizagem por inferência”.

Conforme o dicionário Michaelis, discriminar significa “notar diferenças” (DISCRIMINAR, 2022). Assim, “para aprender a discriminar, devemos primeiro ser capazes de sentir e perceber o som” (GORDON, 2000, p. 123). A discriminação ocorre “quando os alunos aprendem a cantar uma canção de cor através da imitação, ou quando executam um trecho de música depois de o memorizarem a partir da pauta, procedem a aprendizagem por discriminação, porque aprendem a discriminar as alturas e as durações de uma dada peça” (GORDON, 2000, p. 122). A aprendizagem por discriminação ocorre quando os alunos “têm consciência de estarem a ser ensinados, mas não compreendem totalmente o que estão a aprender, ou porque estão a aprender” (GORDON, 2000, p. 122). Assim como na audiação preparatória, a aprendizagem está organizada em níveis e subníveis sequenciais de habilidades, combinadas em dois grupos com características específicas: aprendizagem por discriminação e aprendizagem por inferência.

APRENDIZAGEM POR DISCRIMINAÇÃO

- Auditiva/Oral
- Associação Verbal
- Síntese Parcial
- Associação Simbólica (Leitura - Escrita)
- Síntese Compósita (Leitura - Escrita)

³ Gordon utiliza o termo original em inglês “Rote learning” que traduzimos aqui como aprendizagem guiada. Nossa tradução difere da tradução no português de Portugal que utilizou o termo aprendizagem de cor.

O primeiro nível auditivo/oral se dá através de dois momentos: de escuta e execução. Segundo Gordon (2000, p. 125), “é através da parte auditiva da aprendizagem auditiva/oral que um aluno adquire um vocabulário de escuta dos padrões tonais e rítmicos, sendo através da parte oral dessa aprendizagem que ele adquire um vocabulário de execução de padrões tonais e rítmicos” (GORDON, 2000, p. 125). Assim, o aluno aprende primeiramente a reconhecer um padrão por ouvi-lo repetidas vezes, apenas pela parte auditiva. A parte oral ocorre quando os alunos imitam, cantam ou entoam o que ouvirem. Nesse processo, é necessário primeiro ouvir para depois executar (GORDON, 2000, p. 125). O autor explica que “[...] quando os alunos cantam sem escutar, o resultado é uma entoação e um ritmo deficientes e, pior ainda, uma falta de expressividade musical e estilo” (GORDON, 2000, p. 127). Logo, deve-se cantar para as crianças e não com elas.

O principal objetivo do nível auditivo/oral é “encorajar o reconhecimento da diferença, em vez da passiva aceitação da semelhança” (GORDON, 2000, p. 130). Primeiramente, “ensina-se aos alunos as semelhanças entre padrões, através da imitação, após o que são encorajados a aprender as diferenças entre os padrões através da criatividade e da improvisação na audição” (GORDON, 2000, p. 130). Segundo o autor, “o melhor modo de tornar as crianças conscientes da diferença é ensinar-lhes a semelhança e o melhor modo de as tornar conscientes da semelhança é ensinar-lhes a diferença” (GORDON, 2000, p. 130). O autor explica ainda que “o cérebro é um sistema gerador de padrões. Procura a semelhança e, porque é mais fácil para o cérebro reconhecer a semelhança do que identificar a diferença, a aprendizagem envolve a concorrência entre os padrões armazenados no nosso cérebro e a realidade do que encontramos no nosso meio ambiente” (GORDON, 2000, p. 129-130). Para que o aluno não fique somente na imitação, o autor enfatiza a importância de pequenas pausas entre a execução e a resposta do aluno. Isso possibilita que o aluno desenvolva sua audição e não somente a imitação (GORDON, 2000).

Depois de utilizar a sílaba neutra e se familiarizar com os padrões tonais e rítmicos, o aluno passa para o nível de associação verbal e começa a usar signos que representam os sons das alturas e do ritmo, como por exemplo, o nome das notas musicais. Segundo Gordon (2000, p. 136), “os alunos associam as sílabas com os sons que já aprenderam e, a seu tempo, passarão a fazer automaticamente a audição simultânea dos sons com as sílabas”. A capacidade de atribuir nomes aos sons familiares, faz com que o aluno reconheça auditivamente e discrimine os sons entre si, audiando e reconhecendo sua lógica interna (GORDON, 2000).

No próximo nível de síntese parcial, os alunos “aprendem a sintetizar padrões individuais que estão a audiar em conjunto de padrões tonais ou de padrões rítmicos”

(GORDON, 2000, p. 144). Assim, os alunos aprendem a discriminar entre conjunto de padrões tonais e de padrões rítmicos e não apenas entre padrões individuais” (GORDON, 2000, p. 147). Na associação simbólica, “os alunos aprendem a ler e a escrever notação musical [...], associando símbolos às sílabas e aos sons dos padrões que elas representam, audiando a tonalidade e a métrica, e audiando e executando os padrões que estão a ler e a escrever” (GORDON, 2000, p. 154). Na síntese composta, “os alunos estarão agora a audiar a tonalidade ou a métrica, ao mesmo tempo que estão a ler ou a escrever uma série de padrões” (GORDON, 2000, p. 163), desenvolvendo uma leitura, escrita e audição musicalmente inteligente.

Imitação e Audição

Gordon (2000, p. 478) define imitação como “repetição de música que foi ouvida sem lhe conferir significado musical. A imitação pode ser imediata ou diferida”. Já a audição é definida como “audição e compreensão mental de música cujo som não está ou pode nunca ter estado fisicamente presente. Não é imitação nem memorização” (GORDON, 2000, p. 474). Verifica-se que na imitação, a música está fisicamente presente, já na audição não necessariamente. Outro aspecto, é que a imitação não confere um significado musical, já a audição, gera uma compreensão musical.

Embora a audição e a imitação sejam distintas, elas não se excluem mutuamente. De toda forma, a imitação é uma condição necessária para aprender a audiar. Segundo o autor, “as crianças podem ser capazes de imitar sem serem capazes de audiar, mas não conseguirão audiar a menos que sejam primeiro capazes de imitar” (GORDON, 2015, p. 33). O autor explica que a imitação e a audição vão ocorrer em diferentes fases do processo de aprendizagem musical e que estas etapas devem ser respeitadas. Antes de audiarmos, imitamos. Não se deve estabilizar na imitação, mas sim incentivar o aluno a audiar a partir da imitação para gerar sentido e compreensão musical.

A imitação é externa e depende do outro para acontecer. Diferente da audição que ocorre de forma interna. Segundo o autor, “imitar enquanto se canta uma canção é semelhante a usar papel vegetal para copiar um desenho. Audiar enquanto se canta uma canção é semelhante a visualizar uma imagem e depois desenhá-la” (GORDON, 2015, p. 33-34). O que é imitado de forma repetitiva, logo é esquecido. Na audição, somos capazes de reter e compreender o que ouvimos, raramente esquecemos e somos capazes de lembrar mais tarde.

Discussão

A partir desse panorama geral sobre imitação na Teoria de Aprendizagem Musical de Edwin Gordon, observam-se alguns conceitos que constituem o processo imitativo. O autor aponta que o primeiro passo para imitar musicalmente é ouvir e se familiarizar com os padrões tonais e rítmicos apresentados pelo seu ambiente. Esse processo passa por uma percepção, identificação e reconhecimento dos padrões executados por outros indivíduos. Logo, a imitação é uma ação interativa que depende do outro para acontecer. A imitação constitui-se como um pensamento consciente, é uma atividade que requer uma intenção e um propósito. A imitação ocorre quando o indivíduo toma “consciência de que até então estava a se comunicar com ele mesmo (audiação preparatória subjetiva) e passa a aprender a se comunicar com os outros (audiação preparatória objetiva)” (GORDON, 2015, p. 51). Segundo o dicionário Michaelis, consciência é a "capacidade, de natureza intelectual e emocional, que o ser humano tem de considerar ou reconhecer a realidade exterior (objeto, qualidade, situação) ou interior, como por exemplo, as modificações do seu próprio eu” (CONSCIÊNCIA, 2022).

Gordon (2000, p. 123) aponta que perceber é recolher “informação do nosso meio ambiente através dos sentidos, como por exemplo, quando ouvimos executar música”. Assim, “a percepção auditiva tem lugar quando ouvimos realmente um som, no momento em que ele está a ser produzido. [...] Na percepção auditiva, lidamos com acontecimentos sonoros imediatos” (GORDON, 2000, p. 16). Perceber é “sentir fisicamente o que está a ser audiado rítmica e tonalmente” (GORDON, 2000, p.488). Logo, perceber se torna um dos primeiros passos para imitar. O autor explica que a percepção, auditiva ou de qualquer outro tipo:

funciona só como uma preparação para estabelecer discriminações. Quer dizer, é necessário ser capaz de perceber os sons para poder discriminá-los, por forma a descobrir se soam ou não do mesmo modo. A percepção é, em si, a elaboração mental de uma ato puramente sensorial que contém pouco significado, ao passo que ser capaz de discriminar entre duas coisas requer, além do ato sensorial, uma certa dose de inferência por parte daquele que aprende (GORDON, 2000, p. 123).

Ao passo que percebemos os sons, passamos a identificar os padrões não-familiares. A diferença entre identificar e reconhecer os padrões é que “os padrões não-familiares são identificados, ao passo que os padrões familiares são reconhecidos” (GORDON, 2000, p. 478). Primeiramente, identificamos os padrões não-familiares para depois, sermos capazes de reconhecer os padrões familiares.

O reconhecimento proporciona uma preparação para a imitação. Podemos reconhecer uma determinada peça musical, porém isso não quer dizer que somos capazes de executá-la

vocalmente ou em um instrumento e que compreendemos essa peça musicalmente (GORDON, 2015). Segundo o autor, “uma coisa é reconhecer a diferença entre boa ou má afinação numa peça de música, outra coisa, bem diferente, é executá-la com boa afinação, vocalmente ou num instrumento” (GORDON, 2015, p. 34). O reconhecimento de um padrão é adquirido por ouvi-lo repetidas vezes e baseia-se na capacidade de reconhecer padrões familiares (GORDON, 2000).

A repetição por sua vez, dá lugar para a memorização que segundo o autor é a “repetição, com ou sem uso de notação, de música lida ou ouvida, mas não necessariamente audiada” (GORDON, 2000, p. 479). Segundo o dicionário Michaelis, repetir significa “tornar a fazer ou a realizar uma ação; refazer”, bem como, “reproduzir imagens ou sons” (REPETIR, 2022).

Tanto na audição preparatória, quanto na audição, o autor atribui a repetição como conceito principal da imitação. Ao falar sobre imitação na audição preparatória, Gordon aponta que “quando interpretamos canções, cantos rítmicos e padrões para as crianças, há três palavras que devemos ter sempre presentes: repetição, sequência e silêncio” (GORDON, 2015, p.101).

O silêncio é parte fundamental para a aprendizagem através da imitação. Segundo o autor, “deve ser dado às crianças tempo para processarem o que ouviram outros a executar, bem como o que elas próprias executaram. É durante o silêncio que as crianças são mais capazes de fazer comparações e, assim, aprender e começar a alcançar a natureza da audição” (GORDON, 2015, p. 101). O silêncio e as pausas entre uma observação e uma imitação são pontos cruciais para a discriminação de padrões. A imitação pode ter lugar “quando os alunos executam um micro-segundo após o professor, ou quando os alunos executam o que o professor executou antes para eles, independentemente do tempo que entretanto passou” (GORDON, 2000, p. 125).

Assim, passamos a discriminar os sons. A capacidade de discriminar os sons é “quando estabelecemos que duas coisas que sentimos e percebemos não são iguais” (GORDON, 2000, p. 123). É neste momento que “os alunos aprendem (de forma guiada) competências, conteúdos e padrões” (GORDON, 2000, p. 472). A aprendizagem guiada é a

informação que os alunos aprendem em resultado de repetirem o que se lhes diz, ou de repetirem o que foi tocado para eles, geralmente por um professor. A aprendizagem de cor de capacidades, conteúdos e padrões tem lugar em todos os níveis da aprendizagem por discriminação” (GORDON, 2000, p. 472)

O que promove a continuidade de aprendizagem musical é a discriminação dos padrões tonais e rítmicos e não a repetição igual desses padrões. A discriminação sonora a partir da

imitação é o que irá promover a capacidade do aluno de assimilar os sons que ele já identifica, reconhece e repete adquiridos por meio da imitação. E por isso, a imitação é um passo importante que antecede a audição.

Segundo Rizzolatti (2005, p. 67), “a imitação se baseia em dois mecanismos distintos, mas que se relacionam: a capacidade de entender as ações feitas por outros e a capacidade de replicar essas ações”. Esses dois momentos distintos são identificados no processo imitativo proposto por Edwin Gordon: **1)** a capacidade de perceber, identificar, reconhecer e discriminar os sons, respectivamente e **2)** a capacidade de repetir os padrões tonais e rítmicas, canções e músicas através do canto e do movimento.

Algumas considerações

A contradição sobre a função da imitação na aprendizagem musical apresentada por Edwin Gordon, faz nos questionar sobre o que é a imitação e qual sua importância e relevância na aprendizagem musical. De forma geral, nota-se que a atividade de imitação está associada à execução de uma ação observada de forma semelhante, similar, igual ou idêntica; sendo que a repetição, reprodução ou cópia deva ser igual ao exemplo original. Embora replicar um padrão musical seja a base da imitação, Edwin Gordon propõe que durante o desenvolvimento da audição “a diferença (entre padrões musicais), não a semelhança, promove a continuidade da aprendizagem. A aprendizagem positiva cessa com a repetição infundável” (GORDON, 2015, p. 98). Logo, a função da imitação na Teoria de Aprendizagem Musical de Edwin Gordon é permitir a discriminação de padrões tonais e rítmicos por meio da interação musical. Saber perceber, identificar, reconhecer, repetir e comparar padrões diferentes permite que o aluno tenha uma ação consciente, intencional e com propósito musical durante a imitação. Do contrário, repetir automaticamente apenas estabiliza, habitua e não permite que o aluno siga para os próximos estágios da aprendizagem musical.

Quando Edwin Gordon trata a imitação como uma ação limitante ao aprendizado, ele se refere à imitação exaustiva por repetição do que é conhecido, sem estimular opções diferentes e divergentes que promovam a assimilação e continuidade da aprendizagem.

A proposta sequencial dos níveis e subníveis de atividades de aprendizagem por discriminação pode nos auxiliar a compreender como podemos ouvir um mesmo padrão, e imitar de formas diferentes, adicionando camadas de significação musical e habilidades de discriminar e inferir a partir do material musical apresentado. Torna-se possível ouvir o mesmo padrão várias vezes, se familiarizar com sua sonoridade, replicar esse som, perceber e comparar se a

imitação é igual ou diferente. As primeiras respostas devem ser realizadas com sílabas neutras para depois, repetir com nomes para os sons, realizando uma associação verbal. Aos poucos, esses padrões podem ser sintetizados em grupos distintos que serão apresentados de forma contrastante de maneira a permitir a repetição (interna e externa), identificação e reconhecimento destes padrões. Após a consolidação da compreensão das estruturas dos padrões na mente, segue-se para etapa de aprendizagem da leitura e da escrita. Importante mencionar que a audição tem por objetivo atribuir significado para as informações musicais que já estão sendo produzidas na mente. Desta maneira, o processo de aprendizagem permite que a imitação seja parte importante do processo de internalização dos sons na consolidação dos processos de ouvir, cantar, ler e escrever.

Referências Bibliográficas

DELALANDE, François. *A música é um jogo de criança*. Tradução: Alessandra Cintra. São Paulo: Peirópolis, 2019.

DISCRIMINAR. In: DICIO, *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Editora Melhoramentos Ltda. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/discriminar/>. Acesso em: 30/06/22.

CONSCIÊNCIA. In: DICIO, *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Editora Melhoramentos Ltda. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/consci%C3%Aancia/>. Acesso em 0/06/22.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. Do conceito de Mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin. *Perspectivas*, São Paulo, 16, p. 67-86, 1993.

GORDON, Edwin. E. *Teoria de Aprendizagem Musical para Recém-Nascidos e Crianças em idade Pré-Escolar*. Tradução: Paulo Maria Rodrigues e Victor Gaspar. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

GORDON, Edwin E. *Teoria de Aprendizagem Musical: competências, conteúdos e padrões*. Tradução: Maria de Fátima Albuquerque. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2000.

HURON, David. *Um instinto para a música: seria a música uma adaptação evolutiva?* In: Em Pauta, v. 20, n. 34/35, jan.dez 2012, Porto Alegre, 49-84.

IMITAÇÃO. In: DICIO, *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Editora Melhoramentos Ltda. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/imita%C3%A7%C3%A3o/>. Acesso em: 30/06/22.

JEPPSEN, Knud. *Counterpoint: the polyphonic vocal style of the sixteenth century*. New York: Dover Publications, 1992.

MELTZOFF, Andrew. N.; MOORE, Keith M.. Infants' understanding of People and Things: From Body Imitation to Folk Psychology. In: BERMÚDEZ, J. L.; MARCEL, A.; EILAN, N. (Org). *The Body and the Self*. Cambridge: MIT Press, 1995, p. 43-69.

REPETIR. In: DICIO, *Michaelis Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. Editora Melhoramentos Ltda. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/repetir/> . Acesso em: 01/0/22

RIZZOLATTI, Giacomo; CRAIGHERO, Laila. The mirror-neuron system. *Annual Review of Neuroscience*, v. 27, p. 169-192, jun. 2004.

RIZZOLATTI, Giacomo. The Mirror Neuron System and Imitation. In S. Hurley & N. Chater (Eds.), *Perspectives on imitation: from neuroscience to social science*. Vol. 1. Mechanisms of imitation and imitation in animals, p. 55–76, 2005.

SUZUKI, Shinichi. *Educação é amor: um novo método de educação*. Tradução: Anne Corinna Gottberg, Santa Maria: Gráfica Pallotti, 2 ed., 1994.

SWANWICK, Keith. *Música, mente e educação*. Tradução Marcell Silva Steuernagel. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.